

Bicentenário da Guerra da Restauração do Rio Grande (1763-1776)

Ten Cel Eng QEMA

CLAUDIO MOREIRA BENTO

De 1763-1777 o Rio Grande do Sul foi envolvido pela primeira vez numa guerra. Sofreu duas invasões. Elas chegaram a controlar cerca de 2/3 de seu atual território. Ao final houve forte e vitoriosa reação de Portugal. Ela acabou por restaurar a soberania portuguesa sobre a área e projetar-se como a definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Para a restauração e definição do destino brasileiro da área, cujo bicentenário coincide com o da Independência dos Estados Unidos, concorreram no esforço de guerra os atuais Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Santa Catarina e Paraná. Destaque-se a contribuição militar de civis paulistas, enviados durante a guerra, num fluxo contínuo para a Fronteira do Rio Pardo. Unidos a um pugilo de civis rio-grandenses e lado a lado, ombro a ombro, com bravos do Regimento de Dragões do Rio Pardo, ajudaram a conduzir modelar guerra de guerrilhas contra o invasor, traduzidas pelas vitórias militares de Monte Grande — 1763, Reconquista de São José do Norte — 1767, Santa Bárbara e Tabatinga — 1774, São Martinho — 1775 e Santa Tecla — 1776. As guerrilhas, por 10 anos, mantiveram as invasões circunscritas. Criaram condições para o Exército do Sul, com o concurso de uma Esquadilha Naval, completar a restauração com a reconquista da Vila de Rio Grande em 1 de abril de 1776, ação militar que contou com a decisiva participação do Rio de Janeiro, através do atual Regimento Sampaio, cujas gloriosas tradições remontam a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro.

ANTECEDENTES

Bandeirantes rompem o Tordesilhas no Sul

Pelo Tratado de Tordesilhas de 1494, o Rio Grande teria sido domínio de Espanha.

Durante a União das duas Coroas, 1580-1640, cinco bandeiras, de 1639-41, numa operação de varredura, percorreram, sucessivamente os vales dos rios Taquari, Jacuí, Ibicuí, Icamacua e Ijuí. Destruíram as 18 reduções jesuíticas que constituíam a Província do Tape. Marcaram o início da penetração, reconhecimento e exploração portuguesa do Rio Grande.

Fundação de Colônia

Em 1680, Portugal fundou Colônia do Sacramento de frente Buenos Aires. Em torno de sua posse, Portugal e Espanha lutaram, com denodo militar e diplomático, por 97 anos.

Da necessidade de aproximar o apoio militar do Rio de Janeiro à Colônia decorreu o progressivo processo de devassamento, exploração, povoamento e conquista portuguesa do Rio Grande. O Rio de Janeiro aproximaria este apoio via marítima e São Paulo via terrestre.

Paulistas fundam Laguna e inauguram o ciclo dos tropeiros

Dentro deste contexto, paulistas de São Vicente fundaram Laguna em Santa Catarina. Foi o primeiro centro populacional português da região Sul do Brasil e, por muitos anos, após, centro irradiador e base de apoio, para a exploração, povoamento e conquista do Rio Grande.

Em 1703, foi estabelecida a ligação terrestre Colônia-Laguna.

De 1705-15, Colônia caiu em poder de Espanha. Em consequência inaugurou-se o ciclo dos tropeiros. Ciclo caracterizado pela preia de manadas selvagens de cavaleiros e va-

cuns, das campanhas do atual Uruguai para Laguna, para onde eram transportadas inicialmente.

Isto através do litoral do Rio Grande.

Após 1715, a atividade de preia de gado chimarrão intensificou-se. Objetivo: suprir, com força animal e alimentação, a atividade de exploração de ouro em Minas e Goiás. Para escoar a riqueza representada pelo gado do sul, foram abertos caminhos pela Serra Geral. Eles integraram o litoral do Rio Grande ao restante da Colônia, a partir de Sorocaba-SP.

Nesta fase destacou-se o grande tropeiro, e mais tarde Coronel de Ordenanças, Cristovão Pereira de Abreu. Prestaria relevantíssimos serviços, de grande projeção na integração do Rio Grande ao Brasil, nas fases de reconhecimento, exploração, conquista, fundação portuguesa e demarcação do Tratado de Madrid.

Em 1723 fracassou a tentativa portuguesa de fundar Montevidéu.

Os portugueses foram desalojados. O local foi ocupado, definitivamente, por *creoulos* espanhóis, fato que, segundo alguns historiadores, contribuiu para definir o destino uruguaio da região.

A Frota de João de Magalhães

Em 1727, partiu de Laguna uma pequena expedição terrestre. Ela passou à História como Frota de João de Magalhães. Acampou por cerca de 2 anos na região de São José do Norte. Passou a controlar todo o território litorâneo até Laguna e estabeleceu ligação com Colônia.

A Frota protegeu o sangradouro da Lagoa dos Patos, da interferência dos índios Tapes e espanhóis. Melhorou as condições, a proteção e os meios de travessia do sangradouro. Estabeleceu aliança com os índios minuanos que habitavam o litoral e cobrou impostos de passagem de gados, no registro que ali estabeleceu.

Governo de São Paulo incentiva o estabelecimento de estâncias

A partir de 1733, teve início, sob o incentivo do Governo de São Paulo, a fixação em torno da região, denominada genericamente de Viamão, das primeiras estâncias. A palavra Viamão seria a corruptela da expressão "*Eu vi a mão*", alusão a semelhança apresentada pelo rio Guaíba e seus formadores, como uma mão humana. O primeiro estancieiro foi o citado João de Magalhães. O segundo, Francisco Pinto Bandeira, pai de Rafael Pinto Bandeira, ambos com relevantes serviços militares prestados na guerra que iremos evocar.

Paulistas apóiam por terra a fundação do Rio Grande

Em 1735, os espanhóis submeteram a Colônia a rigoroso cerco.

Do Rio de Janeiro partiu, em seu socorro, uma expedição ao comando do Brigadeiro Silva Pais com três objetivos:

- Expulsar os espanhóis de Montevideu.
- Livrar a Colônia do cerco espanhol.
- Fundar o Presídio Jesus-Maria-José em Rio Grande atual. Foi apoiada por terra, por estancieiros de Viamão e paulistas ao comando do Coronel Cristóvão de Abreu. Este tinha por missão:
 - Ocupar e manter o local da cidade de Rio Grande atual.
 - Estabelecer pontos de vigilância, à distância, nas regiões do Chuí e São Miguel.
 - Preparar e enviar carne salgada para a expedição de Silva Pais em operações no Prata.

Por fatores ecológicos e militares adversos, Silva Pais não desalojou os espanhóis de Montevideu. Conseguiu fazer o inimigo levantar o cerco de Colônia. Após, retornou para cumprir seu terceiro objetivo.

Fundação de Rio Grande

Ao entardecer de 19 Fev 1737, Silva Pais desembarcou no local da atual cidade de Rio Grande, após encontrar a posição de Cristóvão de Abreu e 160 de seus bravos estancieiros viamonenses, tropeiros e aventureiros paulistas.

Conseguiu transpor a barra, somente com as galeras *Bonita* (Capitânea) e *Santana* e, o Bergatim *Piedade*. Eles transportavam 260 homens de sua expedição.

Ao desembarcar, com seu Estado-Maior e religiosos da Expedição, Silva Pais foi saudado com 36 disparos das armas de fogo, únicas disponíveis da tropa de Cristóvão de Abreu e, de 3 dos 4 pequenos canhões do fortim erigido no local — primeira fortificação portuguesa no Rio Grande.

Este fato é marco da fundação oficial portuguesa do atual Rio Grande. Contou com a decisiva cooperação de mineiros, paulistas e cariocas.

Presídio Jesus-Maria-José

A base militar fundada tomou o nome de Presídio Jesus-Maria-José. Seu fundador tratou de consolidá-la. Ergueu em terreno arenoso o Forte Jesus-Maria-José da (Praia).

A seguir empenhou-se na construção da Fortaleza Nossa Senhora do Estreito, cuja planta original, integra o acervo do Exército. Sua finalidade, era proteger o Presídio pela retaguarda. Posteriormente, junto a ela, localizou-se a guarnição militar.

Reforçou os seguintes redutos estabelecidos próximo do Presídio: do Arroio e da Mangueira e mais distantes, Taim e Albardão.

Expedição ao Chuí e fundação de São Miguel

Silva Pais explorou o Chuí de Set-Out 1737. Objetivos: ampliar a conquista e criar segurança a distância para o Presídio.

Seguiu por água, em acidentada viagem, que incluiu dois naufrágios da falua que mandou construir para nave-

gar a Lagoa Mirim. Acompanhou-lhe um contingente de Infantaria. Por terra, a cavalo, seguiu Cristóvão Pereira junto com seus homens e 15 dragões de Minas.

Em São Miguel erigiu o forte do mesmo nome. Guarneceu-o com 30 soldados de Infantaria da Expedição, originários do Rio de Janeiro.

No arroio Chuí estabeleceu uma guarda com 15 dragões de Minas de sua Expedição. A ambas guarnições mandou pagar soldo dobrado, além de deixá-las apoiadas por homens de Cristóvão Pereira, conhecedores da região e em grande número tropeiros paulistas.

Ao retornar do Chuí, Silva Pais conheceu o Armistício de 16 de março de 1737, entre Espanha e Portugal, que estabelecia (cláusula 4.^a): “As coisas na América ficarão como estão, ao lá chegarem as ordens de suspensão das hostilidades”.

Portugal passou a dominar toda a faixa litorânea do Rio Grande. Aproximou o apoio militar terrestre de Colônia do Sacramento. Os jesuítas, haviam retornado ao Rio Grande por volta de 1680 e fundaram os Sete Povos das Missões.

Os Dragões do Rio Grande — Cellula mater do III Exército

Com Silva Pais teve início a formação do legendário Regimento de Dragões do Rio Grande, com uma companhia ao comando do 2.º estancieiro a fixar-se em Viamão, Francisco Pinto Bandeira. Fora o subcomandante da força de Cristóvão de Abreu. Foi feito Tenente de Dragões por Gomes Freire, “por sua destacada capacidade”, segundo Silva Pais. Em 1739 foi completada a organização desse Regimento, cuja História se confundirá com a do próprio Rio Grande nos próximos 95 anos.

Tratado de Madrid — obra de um paulista de Santos

Em 1750 foi celebrado o Tratado de Madrid, obra a que muito se deve ao paulista de Santos, Alexandre de Gusmão, como Secretário Real.

O Rio Grande, em razão de Portugal abrir mão de Colônia de Sacramento, seria acrescido dos Sete Povos das Missões, cujos índios aldeados pelos jesuítas deviam evacuá-los, com todos os seus pertences. Seriam substituídos por imigrantes portugueses dos Açores. Estes formariam núcleos populacionais com 60 casais jovens, com uma espingarda por casal, entre outros itens. Evidência da preocupação com a defesa do território, além de seu povoamento.

Estâncias e ervais jesuíticos no Rio Grande

Em cerca de 70 anos de trabalho, os jesuítas estabeleceram no Rio Grande os Sete Povos ou Missões de São Nicolau, São Luís, São Lourenço, São Borja, São Miguel, São João e Santo Ângelo. E 11 estâncias, além de 4 ervais explorados pelos Sete Povos. Outras estâncias eram exploradas pelos povos de mesmo nome do lado ocidental do rio Uruguai. A revolta causada pela perda desse trabalho, iria causar a Guerra Guaranítica (1754-56). Esta traduzida pela reação armada dos índios missionários, liderados pelos jesuítas, aos Exércitos demarcadores de Espanha e Portugal.

Paulistas e cariocas no Exército Demarcador

Sob o comando do general Gomes Freire de Andrade, Capitão General e Governador de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, atuou no Rio Grande, por 6 anos e meio, o Exército Demarcador. Era constituído, além do Regimento de Dragões local das seguinte unidades e num total de 1.600 homens:

- Regimento de Infantaria Velho do Rio de Janeiro (raiz histórica do Regimento Sampaio)
- Regimento de Infantaria Novo do Rio de Janeiro
- Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro
- Contingente de Infantaria de Santos
- 2 (duas) companhias de aventureiros paulistas, sendo uma ao comando do intrépido capitão Francisco Pinto Bandeira.

A reação guarani foi neutralizada nos combates de Caiboaté 10 Fev 1756 e Churieby 10 Mai 1756.

Gomes Freire ao retornar ao Rio em 1759, deixou plantadas no Rio Grande as fortalezas de Santo Amaro e Rio Pardo no rio Jacuí e a de São Gonçalo no rio Piratini.

Como lembrança dessa permanência no Sul, do Exército Demarcador, existem 3 (três) cartas panorâmicas, desenhadas pelo Coronel Miguel Ângelo Blasco, seu subcomandante, e até hoje conservadas pelo Exército em seu acervo.

Tenho-as explorado largamente, como fontes primárias de alto valor, inclusive sobre os trajes civis usados pelas companhias de paulistas que integraram o Exército Demarcador.

A GUERRA DA RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Paulistas reforçam o Rio Grande ameaçado de invasão

Eventos adversos culminaram com a invasão de Portugal em 1762, por Espanha e França. A presença do General Pedro Ceballos, como Governador de Buenos Aires e Demarcador do Tratado de Madrid e que tudo fez para torpedeá-lo, além de preparar-se militarmente, com tempo e de modo ostensivo, para conquistar Colônia e o Rio Grande, causou grande preocupação ao General Gomes Freire de Andrade.

Ameaçado todo o Brasil, para remediar o desamparo militar do Rio Grande, que estava impedido de socorrer, com as melhores tropas coloniais localizadas no Rio, aquele general conseguiu arregimentar no Rio Grande cerca de 800 homens (dragões, milicianos e aventureiros). Eles seriam reforçados com 200 aventureiros paulistas.

Os últimos, com assinalados serviços prestados na Fundação do Rio Grande e na Demarcação no Sul e Guerra Guaranítica.

Com base em sua experiência em 6 anos e meio no sul, Gomes Freire ordenou a seguinte articulação:

1.º — Deslocamento do grosso do Regimento dos Dragões do Rio Pardo, para o arroio Chuí.

Era a única tropa de linha do Rio Grande. Desde 1757 transferida de vila de Rio Grande para o Rio Pardo. No Chuí, ficaria em condições de avançar e construir uma fortaleza em Castilhos, no caso de um ataque à Colônia.

2.^o — Deixar, em Rio Pardo, 100 Dragões mais experimentados e conhecedores da campanha rio-grandense e 200 paulistas a chegarem ao Sul.

Fundação de Santa Tereza

Após 12 dias de marcha forçada, por terra, de Rio Pardo ao Chuí, um contingente de Dragões, ao comando do Coronel Thomaz Luiz Osório, atingiu seu destino em 10 Set 1762, com 400 homens e 10 canhões pequenos.

Em 10 Out 1762, o Coronel Osório, ao saber que o General Cevallos havia cercado Colônia do Sacramento, deu início à construção de uma Fortaleza em Castilhos. A batizou, 5 dias após, com o nome de Santa Tereza, por consenso entre seus oficiais.

360 alquebrados dragões e 640 civis improvisados em militares, defendiam uma extensa faixa de fronteira com início em Rio Pardo e término em Santa Tereza.

Rendição de Colônia e morte de Gomes Freire

Ceballos atacou Colônia do Sacramento em 1.^o de outubro. Ela teve de render-se um mês após, apesar dos socorros enviados do Rio.

Em Portugal, o despreparo material e moral de seu Exército, esquecido das glórias passadas de Aljubarrota e Índias, resultou numa marcha triunfal do invasor. Cerca de 50 fortalezas caíram em mãos do inimigo, sem resistência, apesar de dirigida a reação, pelo renomado técnico militar, Conde de Lippe, mandado pela Inglaterra em socorro a Portugal.

Morte de Gomes Freire

Em 1 de janeiro de 1762, morreu no Rio de Janeiro, Gomes Freire, por desgostos acumulados em consequência da perda de Colônia e pressões de comerciantes locais por aquele fato.

O General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela e Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, desde 1733, fora, por 29 anos, o arquiteto do processo da progressiva conquista portuguesa do Rio Grande. Local onde permaneceu quase 1/4 de seu governo.

Dragões e paulistas na vitória em Monte Grande

No dia da morte de Gomes Freire, sob o comando do Capitão Francisco Pinto Bandeira, tropas da fronteira do Rio Pardo, dragões e 200 paulistas, obtiveram retumbante e brilhante vitória em Monte Grande, nas proximidades de Santa Maria atual.

Para ela concorreram 200 bravos paulistas, muitos descendentes de bandeirantes e com experiência de lutas contra índios no Centro Oeste. Confirmaram seu valor provado na fundação do Rio Grande e Demarcação. Entre eles despretaria a intrépida e legendária figura do Capitão Cypriano Cardoso Barros Leme, que, junto com outros paulistas, prestara relevantes serviços na guerra de guerrilhas contra o invasor, decisiva para a Restauração.

Vice-Reino no Rio — Desamparo de Santa Tereza

Em 27 Jan foi criado o Vice-Reino do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Deslocou-se o Centro do Poder da Colônia, para fazer face, inclusive, a ameaça sobre o sul.

A morte de Gomes Freire, menos de um mês antes, deixou a isolada trincheira de Santa Tereza, desamparada militar, moral, administrativa e economicamente. Sua guarnição dependia do Governador Eloy Madureira, na Vila de

Rio Grande, inepto, segundo interpretações dominantes. Em Santa Tereza, o Coronel Osório e seus velhos e desmotivados dragões, com 32 meses de soldo em atraso, e um pugilo de improvisados militares, estavam cômicos da adversidade da situação e que pouco poderiam esperar de apoio, na conjuntura militar adversa, vivida por Portugal e seus domínios na América.

Ceballos invade o Rio Grande

Em sua marcha, Ceballos chegou a Santa Tereza. Seu comandante, por deficiência de informações e em função de ordens superiores, que classificou de "infernais", perdeu a oportunidade ideal de retirar-se.

Decidida a resistência, 80% da guarnição de Santa Tereza desertou, em pânico, na noite de 18/19 de Abril. Em 19 de abril, a trincheira capitulou, com os 150 homens que permaneceram fiéis ao Coronel Osório.

Forte, com 3.000 homens, Caballos prosseguiu. Conquistou o forte de São Miguel. Em 24 de abril de 1763, ocupou a vila de Rio Grande, então abandonada. O Governador Eloy Madureira também fugiu, sem nem tentar fortificar-se em São José do Norte, conforme ordens recebidas da Junta Governativa que substituíra Gomes Freire. Ceballos atravessou o canal e estabeleceu base de partida para uma penetração mais profunda.

Esta invasão foi uma humilhação para o Rio Grande. Posteriormente, foi aberta uma Devassa para apurar as responsabilidades do Governador Madureira, já falecido e do Coronel Osório prisioneiro dos espanhóis.

A culpa pela perda da vila de Rio Grande

Até hoje historiadores divergem sobre a culpa ou não do Coronel Osório por este desastre.

Neste sentido, encaminhei comunicação ao Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande,

solicitando, se possível, proporcionar ao Coronel Osório, um julgamento por um tribunal de História. Este, com todos os recursos da ciência histórica, buscará a verdade, não só como um dever de justiça, como um respeito a seus descendentes e parentes brasileiros, como seu sobrinho-bisneto, Marechal Manoel Luiz Osório, grande herói de nossa História Pátria e seus filho e neto, os historiadores Luiz Fernando Osório (pai e filho), que emprestaram o melhor de suas inteligências e esforços, para livrar seu ancestral da pecha de traidor e covarde, com que passou à História, segundo algumas interpretações dominantes, mas não aceitas pacificamente como essência da verdade histórica.

Vigorando o tratado de Paris, desde antes da invasão, Ceballos devolveu Colônia a Portugal. Recusou abrir mão de sua conquista no Rio Grande, além de impor ao Governador Eloy Madureira, que transferira seu governo para Viamão, uma Convenção de Suspensão de Armas e Limites.

Neste quadro tumultuado e confuso, passado o pânico inicial, foi desenvolvido grande esforço para fortificar a faixa entre o Viamão e Estreito, via de acesso a importantes regiões do Rio Grande.

Guerra de guerrilhas contra o invasor

Para enfrentar o poderoso *inimigo* com poucos meios, foi necessário atribuir *missões* aos nossos que tirassem o máximo partido do *terreno* rio-grandense. A solução foi a adoção da guerra de guerrilhas pela Junta Governativa aqui no Rio. Em 6 Jun 1763 ela baixou a seguinte ordem:

“A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos e, ainda, trazer-lhes em contínua e persistente inquietação.” O papel relevante executado por estas guerrilhas, até agora era pouco conhecido em

toda a sua projeção. Suas bases localizavam-se em Encruzilhada do Duro (Município de Canguçu atual), na Serra dos Tapes, a cargo de Rafael Pinto Bandeira, e nas guardas da Encruzilhada (Encruzilhada do Sul atual) na Serra do Herval, inicialmente a cargo de Francisco Pinto Bandeira e, após a sua morte, a cargo do intrépido e heróico paulista, Cypriano Cardoso de Barros Leme.

Fortes do Estreito e Taquari

Em Mar 1774, o Coronel José Custódio Faria assumiu em Viamão, o governo do Rio Grande. Imprimiu novo ritmo à guerra.

Em agosto concluiu o Forte São Caetano da Barranca do Estreito. Entregou seu comando ao Capitão Francisco Pinto Bandeira. O referido forte foi reforçado por 4 companhias de paulistas enviadas pelo Governo de São Paulo.

Em Taquari atual, erigiu o Forte do Tebiquari. Junto a ele aldeou deslocados da invasão. Com ele e o São Caetano cobriu as direções estratégicas, incidindo sobre Viamão: São José do Norte-Viamão e Rio Pardo — Viamão.

O Coronel José Custódio implementou as guerrilhas contra o invasor para a cobertura de Rio Pardo sobre as direções:

Missões — Rio Pardo, Bagé (atual) — Rio Pardo e Rio Grande — Rio Pardo. Para a liderança dessas guerrilhas foram destacados dois oficiais dos Dragões, já referidos, Capitão Francisco Pinto Bandeira e seu filho Rafael Pinto Bandeira.

Assalto frustrado à vila de Rio Grande

Na noite de 28/29 Mai 1766, sob a liderança do Tenente-Coronel Marcelino de Figueiredo proveniente de Portugal e que assumiu o comando do Forte São Caetano, fracassou o assalto à vila de Rio Grande. Ventos fortes e cerração dispersaram os barcos com as forças de assalto. Marcelino fora man-

dado para o Brasil com nome trocado em razão de haver morte em duelo um oficial inglês. Chamava-se Sepulveda.

Tentave-se aproveitar a situação favorável, resultante da atração, para o forte de São Gonçalo, Pelotas atual, por contingentes dos Dragões do Rio Pardo e de guerrilhas baseadas na Estância de Luiz Marques de Souza, em Canguçu atual, de forças espanholas da guarnição do Rio Grande. Localizamos as ruínas desta estância, pertencentes ao irmão de Manoel Marques de Souza, por sua vez, parente próximo e mais tarde padrinho de nosso Almirante Tamandaré e herói desta guerra como se verá.

Reconquista da Margem Norte — contribuição paulista

No dia do fracassado assalto a Rio Grande, os intrépidos capitães Marques de Souza, mencionado, e Cypriano Cardoso, atacaram a base espanhola em São José do Norte. Aprisionaram sua cavallhada e 19 soldados. Em 5 de maio, novo ataque comandado por Marcelino de Figueiredo. O inimigo retirou-se à noite. Na madrugada de 6, aniversário de D. José I, Portugal ficou senhor da margem Norte, há 3 anos em poder de Espanha. Paulistas que reforçaram São Caetano, tiveram destacada atuação nestas ações.

INVASÃO DE VERTIZ Y SALCEDO

Consequências dos ataques a Rio Grande e margem Norte

Estes dois eventos repercutiram negativamente em Portugal. Contrariaram esforços do Marquês de Pombal, junto à Espanha, no sentido de, unidos, pressionarem o Papa a extinguir os jesuitas. Estes responsabilizados, pelo fracasso da Demarcação no Sul e Guerra Guaranítica.

Em consequência, caiu o Vice-Rei, o Coronel José Custódio foi chamado a Lisboa para responder por seu "fogosio desatino", Marcelino foi afastado do Rio Grande. Felizmente, não cumpriu-se ordem de devolver-se São José do Norte.

A eficiência da guerra de guerrilhas

Passaram-se 7 anos. As guerrilhas neste período, causaram grandes prejuízos aos espanhóis. Em Jun 73, Marcelino reassumiu o Rio Grande e transferiu a sede do Governo para Porto Alegre. Os espanhóis ficaram insistentes e incisivos. Querem São José do Norte de volta e providências contra as guerrilhas. Começam a correr boatos de invasão. Em consequência, o Vice-Rei elevou a guarnição do Rio Grande, de 401 homens para 714, assim articulados: São José do Norte 424, Rio Pardo 263 e Porto Alegre 27.

Invasão do Rio Grande — fundação de Santa Tecla

Em Nov 73, o Governador de Buenos Aires, General Vertiz y Salcedo, invadiu o Rio Grande pela campanha. Fundou o forte de Santa Tecla. Ao seu encontro, das Missões, deslocou-se força com importantes recursos logísticos, destinados a manter a mobilidade de seu Exército, para executar o seguinte plano:

Conquistar, sucessivamente, Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e Viamão. A partir daí, atacar São José do Norte. Após, varrer as bases de guerrilhas nas serras dos Tapes e Herval. Enfim, expulsar os portugueses do Rio Grande.

Medidas defensivas adotadas pelo governo do Rio Grande

Em consequência, o Governador Marcelino decidiu:

- Vigiar os passos do São Gonçalo e rio Camacua, na direção: vila Rio Grande — Rio Pardo.
- Vigiar passos do Jacui e afluentes do norte, na direção: Missões — Rio Pardo.
- Fortificar passos do Piquiri, Tabatingai e do Rio Pardo, defronte o Forte do mesmo nome, na direção: Santa Tecla — Rio Pardo.

- Reunir a Cavalaria Ligeira (guerrilhas), sob o comando de Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso, respectivamente, nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul.
- Transferir canhões de Taquari para o Forte Rio Pardo.

Em 2 Jan 74, Rafael Pinto Bandeira, com 100 guerreiros e dragões, bateu e aprisionou, em Santa Bárbara, a coluna proveniente das Missões, com valiosos reforços logísticos.

Protesto de Vertiz contra as guerrilhas

Em 5 Jan 74, Vertiz recalcou a guarda do Piquiri, defendida por 21 homens do paulista herói de Monte Grande, Capitão Miguel Pedroso Leite.

Eufórico, Vertiz enviou enorme carta as autoridades do Rio Grande, da qual destaco a parte referente às guerrilhas, de atestado a eficiência das mesmas:

“Viamão, Rio Pardo, sul da Vila de Rio Grande e do rio Jacuí (serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio de delinqüentes que atuam nos campos de Montevideu, Maldonado, Soriano, Bacas, Santa Fé, Corrientes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalhadas, das nossas estâncias do oriente dos rios da Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por tão continuadas e incessantes ações, sofrem os maiores prejuízos, ao verem suas fazendas destruídas”.

As fontes primárias sobre estas guerrilhas são raras.

Elas foram decisivas e tenho procurado interpretar seu papel, em exaustivo estudo dessa guerra.

Derrota do Invasor em Tabatingai

Prosseguindo em seu avanço, em duas colunas, a maior sofreu fragorosa derrota em Tabatingai, em 10 Jan 74. Ao conhecer este fracasso e desconfiando do atraso da coluna

das Missões, Vertiz abrandou suas exigências. Comprometida a mobilidade e a alimentação de seu Exército, decidiu recuar, célere, em busca de abrigo na base militar mais próxima — Vila de Rio Grande. Retornou através dos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, bases das guerrilhas responsáveis por suas derrotas em Santa Bárbara e Tabatingai.

O Forte do Rio Pardo, projeto do Coronel Alpoym, projetista dos Arcos no Rio de Janeiro, passou a fazer jus ao epíteto “Tranqueira Invicta”.

Uma Ação Retardadora Modelar

Foi decisiva para a vitória a Ação Retardadora, muito bem planejada e conduzida por Marcelino de Figueiredo. Ela foi executada, pelos capitães José Carneiro da Fontoura, comandante ao sul do Jacuí, Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso. Em Santa Bárbara, Rafael reeditou feito de seu pai, Francisco Pinto Bandeira, em Monte Grande há 11 anos passados. Seu pai falecera há pouco. Foi substituído pelo paulista Cypriano, conforme já referi.

Em Tabatingai, guarda fundada por seu pai, Rafael foi o inspirador do ardil que transformou uma derrota certa numa vitória retumbante. Isto, ao fazer o inimigo cair numa armadilha preparada pelos capitães Carneiro da Fontoura e Cypriano.

Fortes São Martinho e Santa Tecla — Grandes Ameaças

As tropas de Cavalaria Ligeira, nome oficial das guerrilhas, eram constituídas em grande parte por paulistas enviados em socorro ao sul e por estancieiros rio-grandenses.

Estes marcariam, daí por diante, sua presença militar marcante, como sentinelas no Sul, em defesa da Integridade e Soberania do Brasil.

Vertiz deixou plantados no Rio Grande os fortes de Santa Tecla e São Martinho. Ambos bases de partida para ataques a Rio Pardo, barreiras às incursões de nossas guerrilhas e instrumentos de domínio de cerca de 2/3 do atual Rio Grande.

EXPULSÃO DOS ESPANHÓIS DO RIO GRANDE

Reação à Invasão em Portugal

A invasão de Vertiz repercutiu em Portugal. O Marquês de Pombal decidiu em relação ao Rio Grande:

- Concentrar, na área, o Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Böhn. Este desde Out 1767 no Brasil, como Inspetor Geral de nosso Exército Colonial, com a missão de organizá-lo, equipá-lo e adestrá-lo, segundo a doutrina do Conde de Lippe, que teve tarefa idêntica no Exército da Metrópole.
- Determinar a Böhn: Estudar o terreno no Rio Grande, ocupá-lo vantajosamente e manter a paz, se possível. Do contrário, atacar sem descanso, até não existir um castelhano no Rio Grande.

Do estudo do terreno, Böhn concluiu pela ofensiva.

Objetivos do esforço ofensivo do Exército do Sul

O esforço ofensivo deveria ser conduzido sobre três pontos fortes e nesta seqüência:

- Forte São Martinho, por barrar o acesso português às Missões e ameaçar o flanco de Rio Pardo.
- Forte Santa Tecla, por barrar o acesso português às campanhas de Maldonado, Montevidéu e Colônia, ameaçar Rio Pardo e possibilitar intercâmbio de reforços com as Missões.
- Vila de Rio Grande, por barrar o acesso português ao sul pelo litoral e, base de partida, para ataques sobre Porto Alegre e Laguna.

Böhn escolheu como posição mais vantajosa e principal São José do Norte, cujo comando passou a exercer pessoalmente.

Confiou o comando da Fronteira do Rio Pardo e da base logística em Porto Alegre, ao Governador do Rio Grande, Marcelino de Figueiredo.

O apoio das guerrilhas ao Exército do Sul

O Exército do Sul, após concluída sua concentração, atingiu o efetivo de 4.000 homens, assim distribuídos:

São José do Norte	3.365 h (82%)
Porto Alegre	27 h
Rio Pardo	710 h

Destes últimos, 300 guerrilheiros nas bases de guerrilhas nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada. Deviam cumprir as seguintes missões:

— **Arreadas** do gado cavalar e vacum sobre os prováveis caminhos de invasão, incidindo sobre Rio Pardo.

— Busca de informes militares sobre os movimentos do inimigo.

— Distração de efetivos inimigos da Vila de Rio Grande, para o corte do São Gonçalo.

— Cobertura das direções estratégicas, a partir de Rio Grande, Santa Tecla e São Martinho, incidindo sobre o Rio Pardo.

Constituição e concentração do Exército do Sul

A concentração teve início ao final de 1774, com o desembarque em Laguna, de tropas provenientes do Rio de Janeiro. Dali marcharam, por terra, pelo litoral, até São José do Norte.

O Rio contribuiu com 135 artilheiros e o Regimento de Infantaria, o Velho, o atual Sampaio, de gloriosas tradições desde a expulsão dos Franceses do Rio de Janeiro e com uma das duas companhias do Esquadrão de Guarda do Vice-Rei, onde serviria Tiradentes e raiz histórica dos Dragões de Brasília. Unidade que se cobriu de glórias e pagou o maior tributo em sangue, ao comando do Major João Calmon, na Batalha de Passo do Rosário, cujo sesquicentenário transcorre em 20 fevereiro próximo.

Portugal contribuiu com o RI de Bragança, que de lá partiu ao comando do avô do Duque de Caxias.

E mais os RI de Moura e Estremoz, aos quais estaria reservado grande papel na Restauração.

O Rio Grande, além dos Dragões de Rio Pardo, Cavalaria Ligeira e Caçadores Índios, participou com um Batalhão de Infantaria e mais uma companhia de Artilharia, distribuída em Rio Pardo e São José do Norte. Uma companhia de Infantaria de Santa Catarina guarneceu Porto Alegre.

Apoio econômico de engenharia e naval ao Exército do Sul

Ao plano militar foi destinado todos os rendimentos das provedorias de São Paulo e Rio de Janeiro, subsídio voluntário e literário de Angola, 200.000 cruzados anuais e o equivalente ao soldo de dois regimentos enviados da Bahia.

Direta ou indiretamente, participaram com tropas e recursos do esforço de Restauração do Rio Grande: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina, Angola e Portugal.

O apoio de Engenharia consistiu na melhoria dos caminhos terrestres Laguna — Porto Alegre e Laguna — São José do Norte, com pontes e balsas e um roteiro dos mesmos, com indicação de recursos locais. Este apoio foi prestado pelo Marechal Funck e Francisco Róscio que mais tarde governaria o Rio Grande.

Em São José do Norte fundeu a Esquadilha Naval de Hard-Castle com 6 unidades, das quais, a “Belona” e a “Invencível”, construídas em Porto Alegre. Concluída a concentração, teve início, ao final de 1775, a ofensiva para restaurar o Rio Grande.

Conquista de São Martinho

Em 31 Out 1775, o Forte São Martinho foi conquistado de surpresa e arrasado por 205 dragões e guerrilheiros do Rio Pardo, ao comando de Rafael Pinto Bandeira.

Na impossibilidade de um ataque frontal, durante 9 dias foi aberta uma picada na mata. Ela conduziu os atacantes à retaguarda de São Martinho. Foram feitos 40 prisioneiros e tomados preciosos recursos logísticos, dos quais, 7.100 cabeças de vacuns e cavalares.

Participou da ação, o pai de Hipólito da Costa (o fundador de nossa imprensa) como membro da Companhia de Granadeiros dos Dragões do Rio Pardo, que ali teve seu batismo de fogo.

Um insucesso naval — explicação

Em 19 Fev 1776, malogrou a tentativa do Capitão-de-mar-guerra Mac Douall de destruir, com sua esquadilha naval de 9 unidades, a espanhola com 7 unidades que defendia a vila de Rio Grande. Isto, para criar condições para assalto desta praça pelo Exército do Sul. O malogro de Mac Douall, após 5 horas de combate, é assim explicado:

— Faltou-lhe rapidez para abordar os barcos espanhóis e anular os fogos de 3 fortes inimigos, nos quais eles se apoiaram.

— Haver adotado dispositivo de combate, como se estivesse no mar, não levando em conta correnteza do canal e das marés.

— Não ter sido socorrido pela esquadilha de Hard-Castle, impossibilitada de intervir, por sofrer ventos contrários.

— Disputa do comando do barco pernambucano “Graça”, em pleno combate, vago por morte de seu comandante, em ação.

Apesar da perda de 3 unidades e de 45 baixas contra 39 espanholas, as duas esquadilhas reuniram-se. Böhn passou a contar com 12 unidades navais que seriam decisivas para a vitória final.

Conquista de Santa Tecla

O passo seguinte seria Santa Tecla, próximo a Bagé. Fortaleza de torrão, defendida por 250 homens apoiados em 8

canhões com potência total de 30 libras, com destacamento de segurança externa, água e charque para resistir a cerco prolongado. Seu valor militar foi subestimado pelo Vive-Rei e General Böhn.

Para conquistá-lo de surpresa, foi atribuída a missão a Rafael Pinto Bandeira, auxiliado pelo Major Patrício Correia Câmara, recém chegado de um RI do Rio de Janeiro e que se tornaria um grande fronteiro rio-grandense, até o limiar de nossa Independência.

Marcelino de Figueiredo organizou uma força de 619 homens, dos quais 366 Dragões do Rio Pardo ao comando de Patrício, 193 guerrilheiros da Cavalaria Ligeira, com suas bases nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, e, uma Companhia de Infantaria de Caçadores Índios organizada em Rio Pardo.

Rafael recebeu a ordem de atacar Santa Tecla, em sua base de Encruzilhada do Duro, na Serra dos Tapes.

Após atravessar o Camacua e reunir-se nas Guardas de Encruzilhada, na serra do Herval, com Cypriano Cardoso, marchou para o Piquiri.

Momentos críticos no cerco de Santa Tecla

Do Piquiri, partiram Rafael e Correia Câmara, para surpreender Santa Tecla. A tentativa falhou. Santa Tecla foi submetida a cerco durante 26 dias. Em 25 Mar, capitulou sob condições. Em 26, seus defensores a evacuaram pelo portão dos fundos, rumo a Montividéu.

Em 27, suas muralhas foram arrasadas pelos portugueses. Durante o cerco, a situação dos sitiados ficou crítica. Isto, pelo desgaste da cavalaria, após um mês de operações, patrulhamento intenso e confinamento, em reduzidas e raspadas pastagens de verão. Ela teve, então, de alimentar-se de raízes e ervas. Isto foi informado ou interpretado pelo Marquês de Pombal, como sendo a tropa que alimentou-se de ervas e raízes, o que desgostou Marcelino de Figueiredo que

havia fornecido, à coluna atacante, 4.000 vacuns para alimentação.

Expulsos os espanhóis de Santa Tecla e São Martinho, faltava a reconquista da vila de Rio Grande.

Ataque à Vila de Rio Grande

Para reconquistá-la, além de seus Fortes e esquadrilha, era preciso vencer, com meios descontínuos, a enorme distância entre São José do Norte e Rio Grande.

O ataque a Vila de Rio Grande foi decidido para as 0300 horas do dia 1.º de abril de 1776. Dia seguinte ao aniversário da rainha, festejado ruidosamente, com salvas e embandeiramentos, pelo Exército do Sul e Esquadrilha Naval. Tudo para iludir os espanhóis em Rio Grande.

Dispositivo espanhol e português

Dispositivo inimigo em Rio Grande:

- Efetivo estimado: 1.500 homens de terra, afora os de mar.
- Esquadrilha Naval com 8 unidades.
- Fortes: Da Barra, Mosquito, Novo, Trindade, Mangueira, Ladino, da Vila e do Arroio.
- Potência de fogo (esquadria e fortes): 674 libras.

Dispositivo: português em São José do Norte:

- Efetivo: 4.385 homens de terra e mar.
- Esquadrilha Naval — 12 unidades. Participaram das ações as fragatas “Graça” (de Pernambuco) e “Glória”, corvetas “Vitória”, “Invencível”, “Belona” e “Penha” e Sumaca “ Sacramento” (7 unidades). O QG do Exército do Sul estava no forte do PATRÃO-MOR.
- Potência de fogo da esquadrilha, cerca de 800 libras.
- Potência de fogo total (fortes+esquadrilha): 953 libras.

Destacamento de assalto

1.^a Fase do ataque: As 0300 horas da madrugada, dois destacamentos, da 1.^a vaga de assalto, deixaram os Fortes da Barra e Patrão-Mor para a conquista de seus objetivos — Fortes espanhóis do Mosquito e Trindade.

Um terceiro destacamento ficou em condições de, mediante ordem, partir do Forte Guarda Norte e atacar a vila de Rio Grande. Objetivo: Fixar efetivos inimigos na Vila.

Ficaram em reserva, junto ao Forte do Patrão-Mor, cinco unidades navais.

O 1.º Destacamento — Major Soares Coimbra, 200 granadeiros do 1.º RI do Rio de Janeiro e RI de Extremoz, teve a seu cargo o ataque secundário. Usando lanchas de barcos mercantes, e jangadas, desembarcou sem reação. As 0430 já havia conquistado o forte do Mosquito. Na reação os espanhóis tiveram 7 baixas.

Ataque principal

O 2.º Destacamento — Major Manoel Carneiro, 200 granadeiros dos RI de Bragança e de Moura, teve a seu cargo o Ataque Principal. A este foi guiado, pelo Tenente Manoel Marques de Souza, Ajudante de Ordens do General Bohn e, mais tarde, padrinho do Marquês de Tamandaré e avô do Conde de Porto Alegre.

Sua missão: Ultrapassar, a noite, sem ser pressentido, a esquadrilha inimiga ancorada junto aos Fortes Trindade e Mangueira.

Após conquistá-los, ao amanhecer voltar os canhões dos mesmos contra a Esquadrilha Naval inimiga.

Este Destacamento deixou a base de partida embarcado em lanchas da Esquadrilha Naval e jangadas. Os ruídos produzidos, por algumas lanchas que encalharam, foram pressentidos pelo barco inimigo “Santa Mathilde” que abriu fogo

contra elas. Isto obrigou seus ocupantes a desembarcarem com água pela cintura, com espada presa nos dentes e bernal de granadas na cabeça.

Duas cabeças de praia na margem sul

2.^a Fase do Ataque: O Forte de Trindade foi conquistado com auxílio dos canhões do Mosquito. Os retirantes de ambos incendiaram os barcos "Pastoriza" e "N. S. do Carmo". Ao amanhecer, o General Bohn já havia atravessado o canal na 2.^a vaga de assalto e conquistado 3 Fortes e, com eles, duas sólidas cabeças de praia.

Das 6 às 9 horas, os atacantes, com os canhões dos Fortes conquistados, bombardearam a esquadilha inimiga. Esta, surpresa, levantou ferros e rumou na direção da barra, à procura de melhores ventos. Às 0800 horas, ela manobrou perigosamente, para escapar dos fogos do Forte de São Pedro da Barra. Perdeu, por encalhe, 3 unidades.

A esquadilha de Hard Castle bombardeou os fortes do Ladino e Novo. O primeiro cedeu a pressão. O segundo ofereceu heróica resistência, particularmente, à agressiva e brava corveta pernambucana "GRAÇA".

Capitulação e evacuação da Vila de Rio Grande

3.^a Fase do Ataque: Das 9 às 15 horas de 1.^o de abril registrou-se: Rendição dos fortes Novo (1800 horas) e Barra (2.100 horas). Ultimatum à Vila de Rio Grande, as 1.800 horas e *resposta de capitulação às 21 horas*. Partida da esquadilha inimiga para o sul, com 3 unidades das 7 que possuía. Evacuação espanhola da Vila na madrugada de 2. Ocupação portuguesa da mesma no início da tarde.

E, assim, terminou, após 30 horas, a operação de reconquista da Vila de Rio Grande. Vitória maiúscula e feliz, na qual foi tirado o máximo partido dos princípios de guerra do Objetivo, Surpresa, Manobra e Segurança.

"Te Deum" em ação de graças pela reconquista

Em 7 de abril foi cantado um *Te Deum*, em ação de graças pela feliz reconquista da Vila de Rio Grande, após 13 anos sob domínio espanhol. Participaram da cerimônia o Exército do Sul e a Esquadrilha de Hard-Castle. O *Te Deum* teve lugar defronte à atual Catedral de São Pedro, projeto do Coronel Alpoym, local de batismo do futuro Almirante Tamandaré e abrigo dos restos mortais de Rafael Pinto Bandeira, grande legenda nessa guerra.

Espanhóis retiram-se para Santa Tereza

Foi levantada a planta da Vila de Rio Grande pelo Marechal Jaques Diogo Funk, auxiliar do General Bonh, em Engenharia e Artilharia, cuja obra estudo em: *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul*.

Ele prestou assinalados serviços à restauração do Rio Grande. Foi o primeiro a sugerir a ligação, por águas interiores, de Torres — Porto Alegre — Rio Grande e a mapear e descrever o litoral rio-grandense, de Torres a São José do Norte.

Os espanhóis se retiraram para a Fortaleza de Santa Tereza, hoje tornada monumento histórico, graças ao trabalho de Miguel Arredondo, grande preservador da Memória do Uruguai.

Restaurado, o Rio Grande, as duas bases militares portuguesas voltaram a ser Rio Grande e Rio Pardo, ambas ligadas por um caminho terrestre balizado pelas atuais cidades de Pelotas, Canguçu e Encruzilhada.

Reação na Espanha à reconquista de Rio Grande

A reconquista repercutiu na Espanha. Ela criou o Vice-Reinado do Prata, para o qual designou o general Ceballos. Este partiu de Cadiz, forte de 9.000 homens de terra e mar, para cumprir o seguinte plano:

Conquistar sucessivamente: a Ilha de Santa Catarina, para isolar o Exército do Sul, a Vila do Rio Grande e Colônia

do Sacramento. Ceballos conquistou Santa Catarina. Fracassou no ataque a Rio Grande, por ter sua esquadra dispersada por fortes ventos e conquistou definitivamente a Colônia do Sacramento. Após, concebeu esmagar o Exército do Sul em Rio Grande, através de um movimento de pinça, por forças provenientes de Santa Catarina e Santa Tereza.

Dispositivo de expectativa do Exército do Sul

O Exército do Sul concentrou-se em Rio Grande. A Fronteira de Rio Pardo foi reforçada por uma Legião de Voluntários Reais de São Paulo e um RI de Santos.

A cobertura de Rio Grande ao norte foi feita em Torres, com a ereção do Forte São Diogo, segundo projeto do Marechal Diogo Funk. Foi guarnecido, pela companhia de granadeiros do RI de Santos. Ao Sul, no Albardão e Taim, pela Companhia de Cavalaria do Vice-Rei e Dragões do Rio Pardo.

Nesta ocasião o forte de Santa Tecla foi recuperado pelos espanhóis.

Rafael Pinto Bandeira, agora coronel de uma Legião Cavalaria Ligeira, estabeleceu a cobertura da Vila de Rio Grande, face a direção de Santa Tecla, na Serra dos Tapes, em Canguçu atual.

Nesta época, ali esteve quase à morte, tendo de ser transportado de maca. Mas, mesmo assim permaneceu atuante.

Ativou as arreadas, a busca de informações militares nas imediações de Santa Tereza, Maldonado, Montevidéu e Colônia e vigilância de Santa Tecla. Passou a usar, como via de acesso para suas operações, a direção atual — Canguçu, Piratini, Herval do Sul — Cerro Largo (atual Mello no Uruguai). Esta direção passaria a ser bloqueada, na guerra de 1801, com o forte do Cerro Largo.

Consequências da "Viradeira"

Quando Ceballos preparava-se para atacar Rio Grande, teve lugar em Portugal a "Viradeira". Esta, em consequência

da morte de D. José I, provocando a queda do Marquês de Pombal e a subida ao trono de D. Maria I, acompanhada de importantes reflexos para o Brasil e, particularmente para o Rio Grande.

O Tratado de Santo Ildefonso — fim da guerra

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1.º de outubro de 1777, pôs fim a esta guerra.

- Santa Catarina foi devolvida a Portugal.
- Colônia do Sacramento, após 97 anos de disputa, passou definitivamente à Espanha.
- No Rio Grande, foi estabelecida uma faixa neutra, entre os domínios das duas coroas. Ela, ao sul da vila de Rio Grande, abrangeu todo o atual município de Santa Vitória do Palmar.

Período de paz e progresso no Rio Grande

Seguiu-se um período de grande progresso no Rio Grande.

O trigo, introduzido para alimentar as tropas vindas de Portugal, se desenvolveu. As estâncias expandiram-se sobre os terrenos devassados e explorados pelas guerrilhas.

Em 1776, foram estabelecidas as charqueadas em Pelotas atual.

Em 1783, a Real Feitoria do Linho-Cânhamo no município de Canguçu atual, base de guerrilhas de Rafael na última guerra.

Todo este processo foi dirigido pelo General Veiga Cabral que governaria o Rio Grande de 1780-1801, até morrer, após bem planejar e conduzir, de seu leito de morte, em Rio Grande, a Guerra de 1801. Dela resultou a incorporação dos Sete Povos das Missões e ricos territórios entre o Piratini e Jaguarão. Veiga Cabral foi o comandante, como coronel, do destacamento que ocupou a Vila de Rio Grande em 2 de abril de 1776. Foi o sucessor do avô do futuro Duque de Caxias no comando do RI de Bragança, uma das raízes históricas do Regimento Sampaio.

O valor de um pensamento militar

Comparando o Tratado de Madrid com a configuração atual do Rio Grande, constatamos que ele compensou, com vantagem, entre o Quaraí e o Ibicuí, o que perdeu ao sul de Jaguarão, além de apoiar-se em acidentes naturais como o Quaraí, Jaguarão e Chuí e, não, numa linha seca onde pretendeu-se estabelecer a Fortaleza de Santa Tereza.

Configuração que muito se deve ao pensamento militar de nossos ancestrais, assim sintetizado por Paula Cidade:

Julgada a causa justa, buscar proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios.

Pensamento decorrente do político de Portugal na época, Dilatar a Fé e o Império, tão presente e vivo na obra *Lusíadas* de Camões, o imortal poeta e soldado. A este pensamento político, muito deve o Brasil suas dimensões continentais, particularmente em seus desdobramentos nos campos militar e diplomático.

BIBLIOGRAFIA

A presente interpretação é feita do estudo e análise das seguintes fontes que o autor pode dispor:

- 1 (—) ANTUNES, de Paranhos, Cel "Dragões do Rio Pardo". Rio Bibliex, 1954.
- 2 (—) BENTO, Claudio Moreira. Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História. "Correio Braziliense", 21 Abr 72. (Síntese histórica dos Dragões da Independência).
- 3 (—) Santa Vitória do Palmar na História Militar. "Revista Militar Brasileira", n.º 3 e 4, Jul/Dez 74. pp. 63-86.
- 4 (—) Contribuição aos festejos do Centenário de D. Pedrito. "Defesa Nacional", n.º 647, Jan/Fev 73, pp. 115-121.
- 5 (—) Bicentenário da Conquista do Forte de São Martinho. "Correio do Povo", 23 Nov 75. "Defesa Nacional", Set/Out 75, pp. 19-26.
"Correio Braziliense", Out/75. "Revista Militar Brasileira", Jul/Dez 75, pp. 7-10. "Diário de Notícias". Porto Alegre, Out/75. "Diário Popular". Pelotas — RS, 28 Dez 75.

- 6 (—) Uma efeméride de grande significação geopolítica e militar. "Diário Popular", Pelotas, 7 Set 75.
- 7 (—) Bicentenário da Conquista de Santa Tecla. "Diário Popular". Pelotas, 28 Mar 76. "Letras em Marcha" n.º 54-1976. "Correio do Sul". Bagé-RS, 24 e 25 Mar 76. "Correio Braziliense", Abr/76. "Correio do Povo". Porto Alegre, Abr/76.
- 8 (—) Bicentenário da Reconquista da Vila de Rio Grande. "Revista Militar Brasileira", IV trim 75 e I trim 76. "Diário Popular". Pelotas, 04 Abr 76, e "Rio Grande", Rio Grande.
- 9 (—) O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul". Porto Alegre, IEL, 1976.
- 10 (—) "Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS", Porto Alegre, IEL, 1976.
- 11 (—) As charqueadas em Pelotas — Influência no povoamento do Sul — Projeção econômica e Social. Como foram vistas por Saint Hilaire, Debret e Herbert Smilti. "Diário Popular", Pelotas, 1 e 8 Mar 70.
- 12 (—) História da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu. 1783-1788. "Diário Popular", Pelotas 30 Ago e 7 Set 70.
- 13 (—) As 11 estâncias jesuíticas no RGS. "Diário Popular", Pelotas, 22 Jul 70. "Diário de Notícias", Porto Alegre, 2 Ago 70. "Correio do Sul", Bagé, Ago 70.
- 14 (—) Muares contribuições ao desenvolvimento do RGS. "A Razão", Santa Maria, 23 Jul 70.
- 15 (—) Em defesa da Memória do Coronel de Dragões Thomaz Luiz Osório — Comunicação ao Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande — julho 1976 — IHGB.
- 16 (—) Síntese da História da FT Brasileiras na área da 3.^a RM. "Revista Militar Brasileira" — Jul/Dez, pp. 43-80.
- 17 CESAR, Guilhermino. "História do Rio Grande do Sul" — "Período Colonial".
- 18 (—) "Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul" — 1605-1801. Porto Alegre — UFRGS 1965. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.
- 19 CIDADE, F. de Paula, Gen. "Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira". Rio, Bibliex, 1959.
- 20 (—) "Lutas no Sul contra os espanhóis e seus descendentes". Pio, Bibliex, 1948.
- 21 CRUZ, Alcides. "Vida de Rafael Pinto Bandeira". Porto Alegre, 1906.

- 22 DOCCA, Emilio F. de Souza, Gen. "História do Rio Grande do Sul". Rio, Org. Simões, 1954.
- 23 FERREIRA FILHO, Arthur. "História Geral do Rio Grande do Sul". Porto Alegre, Ed. Globo, 1960.
- 24 FRAGOSO, Augusto Tasso, Gen. "A Batalha do Passo do Rosário". Rio, Bibliex, 1951 — 2ª Ed.
- 25 FROTA, Guilherme Andrea. "Uma Visão Panorâmica da História do Brasil", Rio, Emp. Gráf. Cruzeiro S/A. 1975 — Vi 1. (Livro texto adotado no Colégio Naval).
- 26 FORTES, João, Gen. "O Rio Grande de São Pedro". Rio, Bibliex, 1941. HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Rio, Estado-Maior do Exército, 1974, 3v.
- 27 MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul. "Revista Militar Brasileira", 1 a 4, ano 1935.
- 28 (—) Fortificações do Canal e Cidade do Rio Grande. "in: Anais do 2.º Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense" Porto Alegre, Ed. Globo, 1937. v.2, pp. 243-264.
- 29 OSÓRIO, Fernando Luiz. "Sangue e Alma do Rio Grande". Porto Alegre, Ed. Globo, 1937.
- 30 REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Quadro das Forças de mar e terra existentes nas capitânias do RJ e MG e Colônia do Sacramento para a defesa da Fronteira Sul. 21: 181, 189, 185, 18, 59.
- 31 SÃO LEOPOLDO, Visconde de. "Anais da Província de São Pedro". Rio, INL, 1946.
- 32 SILVA, Riograndino da Costa e Silva, Gen. "Apontamentos da História" da 3ª RM, Porto Alegre, 3ª RM, 1971. 2ª ed.
- 33 SPALDING, Walter. O Forte de Santa Tecla. "in: Anais do 2.º Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense". Porto Alegre. Ed. Globo. v.2, pp. 265-285 (Com planta do Forte desenhado por F. Corona).
- 34 VELLINHO, Moysés. "Capitania d'El Rey". Porto Alegre, Ed. Globo, 1970. 2ª ed.
- 35 WIEDERSPHAN, Henrique Oscar, Ten Cel. Das guerras cisplatinas às guerras contra Rosas e o Paraguai. "Rio Grande Antigo". Canoas, Ed. Regional, 1956.v.2, pp. 151-258.
- 36 (—) Segundo Centenário da Expulsão dos espanhóis do Rio Grande, Palestra em 3 abr 76 no IHGSP.
- 37 (—) Invasões de Ceballos e Vertyz. "in:" RIHGRGS, Porto Alegre, 1.º trim. 1936, pp. 21-58.